

A ESPIRITUALIDADE BASEADA NOS UFOS E O MUNDUS IMAGINALIS DE HENRY CORBIN*



Fabio Mencia**

Resumo: *a ideia de que a presente espiritualidade baseada nos fenômenos relacionados aos UFOs (Unidentified Flying Objects, ou OVNI's Objetos Voadores Não Identificados) seja apenas uma nova forma de narrar interações entre seres humanos e seres divinos, que ocorreram ao longo da história em diferentes ambientes e culturas, não é nova. Atualmente, diversos pesquisadores, vem estudando a espiritualidade baseada nos UFOs e ressaltam diversos pontos em comum entre as experiências dos que relatam encontros com alienígenas e as visões e experiências dos místicos, profetas e videntes de todas as épocas e culturas. O presente artigo, baseado em pesquisa bibliográfica, visa chamar a atenção para a possibilidade de integrar os estudos sobre as diversas experiências espirituais relacionadas aos UFOs no âmbito daquilo que Henry Corbin descreveu como o “Mundus Imaginalis”, onde a realidade das experiências místicas encontraria seu campo de manifestação.*

Palavras-chave: *UFO. Espiritualidade. Mundus Imaginalis.*

A ideia de que a presente espiritualidade baseada nos fenômenos relacionados aos UFOs (*Unidentified Flying Objects*, ou OVNI's *Objetos Voadores Não Identificados*) seja apenas uma nova forma de narrar interações entre seres humanos e seres divinos, que ocorreram ao longo da história em diferentes ambientes e culturas, ganhou força nos anos 1970, principalmente com a publicação dos livros de Eri-

* Recebido em: 30.08.2022. Aprovado em: 05.11.2022.

** Doutor em Ciência da Religião pela PUC SP. Membro da European Society for the Study of Western Esotericism. *E-mail:* fabio.mencia@gmail.com

ch Von Däniken, em particular o “*Charriots of the Gods*” de 1968. Nesse livro o autor levanta a hipótese de que inúmeros relatos apresentados nos mitos e mesmo nas escrituras canônicas de diferentes religiões e escolas de mistério em realidade referem-se a encontros com alienígenas mais desenvolvidos do que os humanos. Atualmente, diversos pesquisadores, Christopher Partridge em particular, vem estudando a espiritualidade baseada nos UFOs, e ressaltam diversos pontos em comum entre as experiências dos que relatam encontros com alienígenas e as visões e experiências dos místicos e videntes de todas as épocas e culturas. Independentemente das especulações filosóficas e teológicas que essas experiências têm provocado, chama a atenção a sensação de realidade das mesmas, relatadas tanto por místicos e videntes, quanto por pessoas que supostamente interagiram com seres de outros planetas. Para elas essas experiências foram absolutamente verdadeiras, inclusive aquelas de pessoas supostamente abduzidas e levadas a conhecer ambientes extraterrenos, muitas vezes contra a sua vontade. A partir dos anos 1990, o estudo do esoterismo em suas variadas formas vem ganhando espaço na academia, e as experiências místicas têm dado margem a diferentes teorias que vão alargando o nosso entendimento da psiquê humana. O presente artigo visa chamar a atenção para a possibilidade de integrar os estudos sobre as diversas experiências espirituais baseadas em fenômenos relacionados aos UFOs no âmbito daquilo que Henry Corbin descreveu como o “*Mundus Imaginalis*”, onde a realidade das experiências de místicos de todas as culturas encontraria seu campo de manifestação.

A “FISICALIDADE” E A ESPIRITUALIDADE DAS EXPERIÊNCIAS COM UFOS

De acordo com Cristopher Partridge, o presente renascimento do interesse pelo tema dos UFOs se deu a partir de um episódio que teria ocorrido em 24 de junho de 1947. Esta é a data em que Kenneth Arnold, um empresário americano relatou o avistamento de dez discos brilhantes sobre as Montanhas Cascade, enquanto voava em seu avião particular. O interesse pela história de Arnold foi imediato, reforçado pelo fato de que dentro de apenas algumas semanas depois ocorreu em Roswell, Novo México, o mais famoso suposto incidente de OVNI. Durante a noite de 2 de julho (o fim de semana do Dia da Independência), W. W. ‘Mac’ Brazel, um agricultor ouviu uma enorme explosão e, ao investigar sua origem, teria descoberto estranhos pedaços de metal espalhados por um raio de cerca um quilometro. Assim que começaram a circular rumores sobre esse evento, a Força Aérea dos EUA rapidamente chegou à área e esclareceu tudo afirmando que um novo balão meteorológico havia caído na terra. Embora isso tenha inicialmente satisfeito grande parte da curiosidade gerada, em pouco tempo outros rumores começaram a circular. Afirmava-se que, não só a Força

Aérea havia recuperado destroços de aparência estranha, alguns deles inscritos com símbolos desconhecidos, mas também que haviam descoberto um segundo local de queda do qual foram recuperados vários corpos que não pareciam de seres humanos. Além disso, dizia-se que um desses estranhos seres ainda estava vivo e que era capaz de se comunicar telepaticamente com as autoridades (PARTRIDGE, 2003).

Esse evento, talvez mais do que qualquer outro relacionado aos UFOs, gerou todo um corpo de literatura, numerosos documentários de televisão, vários movimentos, diversas teorias conspiratórias e muitas obras de ficção. Em 1980, o evento voltou a ganhar interesse, quando dois investigadores, Charles Berlitz e William Moore, publicaram seu livro, *The Roswell Incident*. Depois dele, várias histórias de outros avistamentos de UFOs, inclusive anteriores a essa data, começaram a pipocar. Multiplicaram-se também relatos de encontros com seres extraterrestres e teorias sobre os esforços de vários governos e forças armadas para esconder o tema, que estimularam a imaginação de inúmeras pessoas. Esses relatos ganharam espaço na mídia e na indústria do entretenimento gerando inúmeros livros, jogos, quadrinhos e filmes de sucesso que tornaram o tema extremamente conhecido e debatido no mundo inteiro. Um bom exemplo dessa extraordinária divulgação foi o sucesso da filme ET, de Steven Spielberg, de 1982, um dos maiores sucessos de bilheteria de todos os tempos. Uma síntese atualizada dessa mistura de fatos, com testemunhos, documentos supostamente “hakeados”, interpretações e teorias fantásticas, pode ser vista na recente série *Top Secret OVNI*s da Netflix. Uma mistura deveras incendiária.

Para Partridge, o desenvolvimento da ufologia seguiu dois vetores predominantes, um que ele chama de o “fiscalismo” que busca interpretações científicas para os fenômenos UFO e outra o “espiritualismo” que atribui a gênese desses fenômenos a causas meta empíricas, gerando inclusive movimentos religiosos baseados na sacralidade dos alienígenas. Evidentemente, existem inúmeras resultantes da composição desses dois vetores. Assim, embora muitas religiões de OVNI's conttenham temas tipicamente religiosos, incluindo a crença em Deus, salvação, reencarnação, carma e assim por diante, elas também têm uma componente “fiscalista”, baseada em fatos ocorridos no mundo físico e aspectos da cosmovisão religiosa são frequentemente explicados segundo uma racionalidade aparentemente científica. Dada a diversidade de interpretações, existiriam vários graus de “fiscalismo” incorporados nas crenças relacionadas aos fenômenos UFOs. Esses diversos graus poderiam ser considerados como formando uma escala. No grau inicial de forte “fiscalismo” se encontram tentativas de explicações científicas do fenômeno UFO, alicerçadas em obscuras interpretações da teoria da relatividade e da mecânica quântica. No outro extremo, haveria as explicações mais sobrenaturalistas, baseadas em crenças

ligadas, por exemplo, à Teosofia e à cosmovisão Novaerista, como as do grupo *Mark-Age*. Para estes os extraterrestres adoram a Deus e, como os santos, estão mais próximos de Deus e, diferentemente dos humanos, vivem de acordo com as leis cósmicas de Deus.

Segundo Partridge, Roswell está agora firmemente estabelecida como o que pode ser descrito como um “local sagrado ufológico”. Um lugar que tende a inspirar atitudes e ações tipicamente religiosas, tanto aos que atribuem aos extraterrestres qualidades divinas, quanto aos mais materialistas.

Mikael Rothstein observa que a mitologia dos UFOs teria tido início como um “Mito Secular” oriundo dos medos desencadeados pelo contexto da guerra fria pós Segunda Guerra Mundial. Com o tempo o mito foi ganhando interpretações teosóficas, a partir de relatos de “contactados” proeminentes como George Adamski (1891-1965), que expôs sua experiência com extraterrestres num livro de sucesso denominado *Flying Saucers have landed* (Discos voadores aterrissaram) em 1953. A partir daí essa versão foi se tornando cada vez mais popular na mitologia não cristã do mundo ocidental, especialmente naquilo que foi denominado de movimento *New Age*.

A crença em UFOs com o tempo se transformou no alicerce de diversas novas religiões, baseadas na concepção de que os alienígenas seriam seres mais evoluídos do que os humanos. Essas religiões, embora alicerçadas nos mesmos fenômenos, têm uma interpretação bastante variada dos mesmos e uma cosmovisão igualmente diversificada (ROTHSTEIN, 2003, p. 256-258).

A religião Raeliana, por exemplo, foi descrita por John Chryssides, como sendo baseada no “Creacionismo Científico”, é essencialmente hedonista, materialista, e dispensa explicações sobrenaturais. Segundo esse autor, ela busca interpretar o chamado “paranormal” dentro de um discurso estruturado na racionalidade científica, mesmo não tendo a base de evidências científicas necessárias para validá-la (CHRYSSIDES, 2003, p. 45)

Por outro lado, partindo de premissas distintas, o grupo milenarista americano Unarius, tem uma cosmovisão totalmente diferente. Segundo Diana Tumminia

Eles aguardam a chegada de um disco voador originário do planeta Myrton, que será seguido pela vinda de mais trinta e três aeronaves, quando a Terra compreender que sua missão é de paz. Os adeptos definem sua prática como uma ciência que ensina o entendimento espiritual da física das energias superiores e da reencarnação (TUMMINIA, 2003, p. 45).

Esse grupo se desenvolveu graças à liderança carismática de seus fundadores Ernest e Ruth Norman, conhecidos como o “Moderador” e o “Arcanjo Uriel”. Norman era um psíquico e canalizava seres do além. Escreveu mais de vinte livros, sen-

do seu primeiro, de 1956, “A Voz de Venus” sobre as maravilhas da civilização adiantada desse planeta onde, almas sofridas da Terra poderiam se recuperar de seus traumas.

Mais de acordo com as premissas da visão novaerista, um outro grupo, chamado *Aetherius Society*, tem uma concepção mais subjetivista. Não considera seus ensinamentos uma religião propriamente dita, mas sim um caminho espiritual que permite ao ser humano atingir um nível de evolução mais elevado. *A Aetherius Society* é um dos mais conhecidos grupos religiosos ligados aos UFOs (SMITH, 2003, p. 84). Segundo Smith, esse grupo foi fundada em 1956 por George King (1917-1997) que desde os anos 1930 militava em grupos Teosóficos e ocultistas de Londres. Seu conhecimento teria origem nos contatos mediúnicos de King com seres de outros planetas, que ele denominava de “Mestres Cósmicos”, que além de guias espirituais também seriam protetores do planeta Terra. Trabalhariam para esse fim através do envio de energias espirituais por meio de suas naves espaciais que orbitariam a Terra com certa frequência. Esse processo estaria ocorrendo desde a antiguidade e os “Mestres Cósmicos” incluiriam figuras religiosas conhecidas como Jesus, Krishna e Buda. O contato com estas entidades somente poderia ser conseguido quando os indivíduos alcançassem determinado níveis de consciência, através de práticas similares à Yoga. Com o tempo o próprio King passou a ser considerado um “Mestre Cósmico” (SMITH, 2003, p. 85-86).

Mas, segundo Rothstein, aparentemente a grande maioria de pessoas que acreditam em UFOs não são membros de qualquer tipo de “religião de UFO”, ao contrário, são pessoas “comuns” com afiliação religiosa variada ou mesmo sem religião. Dentre essas pessoas, alguns manterão suas crenças em UFOs em disparte, enquanto outras poderão mesclar as esferas míticas, religiosa e ufológica, em uma só (ROTHSTEIN, 2003, p. 258)

Hoje em dia muitas pessoas de diferentes religiões tradicionais têm incorporado a ideia de UFOs em seu sistema de crenças, atribuindo a alienígenas os relatos de diferentes eventos sobrenaturais presentes em suas escrituras canônicas. Assim, conotações ufológicas são adaptadas à estrutura religiosa e aos conteúdos já existentes, seguindo o conhecido mecanismo de interpretar um conjunto de crenças à luz outro, que ocorre desde os tempos dos romanos.

Voltando às considerações de Rothstein, os UFOs, portanto, devem ser vistos como uma inovação mitológica importante na religiosidade contemporânea e podemos falar de UFOs como “um princípio hermenêutico diretor”, ou como uma matriz para a reinterpretação de mitos tradicionais. Por outro lado, podemos perceber, em muitos casos a ocorrência da forma inversa, ou seja, a religião sendo usada para explicar os UFOs. Na realidade os diferentes sistemas de crenças trabalham simultaneamente e acabam formando novos modelos mito-

lógicos, levando tanto as religiões convencionais quanto a mitologia dos UFOs para novos reinos (ROTHSTEIN, 2003, p. 256-258)

Um tema recorrente nas crenças em UFOs é a expectativa milenarista da destruição do mundo que se avizinha e a transformação e salvação da humanidade (ou de um grupo de seres humanos) a cargo de extraterrestres, segundo um plano cósmico. Essa perspectiva é similar à expectativa do apocalipse, narrado em diferentes religiões tradicionais e mesmo em grupos esotéricos ao longo da história (VOJCIK, 2003, p. 274).

UFOLOGIA E ESOTERISMO

Partridge observa que, a sacralização do extraterrestre tem sido uma característica que teve início bem antes da atual onda de Ufoísmo como religião. Noções de seres de outros planetas e suas civilizações avançadas têm entretido as mentes das pessoas pensantes por séculos. Modernamente, começando com Emmanuel Swedenborg (1688-1772), diversos indivíduos afirmam ter visto OVNI, encontrado extraterrestres e até mesmo viajado para outros planetas e experimentado civilizações alienígenas avançadas. As conjecturas a respeito se multiplicaram, por exemplo, Voltaire escreveu uma novela satírica chamada “Micromégas”, sobre a visita à Terra de habitantes de Saturno e Sirius. Kant, por sua vez especulou sobre a possibilidade de vida em outros mundos. O romance *Aus Zwei Planeten* (1897) (De dois Planetas), do filósofo Kurd Lasswitz, imaginou as implicações de marcianos viajando para cá. O gênero de ficção científica que explora muitas dessas questões tornou-se cada vez mais popular e valorizado principalmente desde a publicação de romances de autores famosos como Júlio Verne e H. G. Wells. Mais recentemente, existem inúmeras alegações, por exemplo, de que livros canônicos de religiões tradicionais como as escrituras hindus, por exemplo, contêm relatos de OVNI, ou, como que a Bíblia relata isso em passagens sobre a poderosa raça de Nephilim (Gênesis 6:4), a ascensão de Elias em uma carruagem puxada por ‘cavalos de fogo’ (2 Reis 2:11), ou a ascensão de Ezequiel e as estranha visão de criaturas misteriosas e rodas brilhantes emergindo de uma ‘grande nuvem, com um resplendor ao seu redor, e fogo brilhando continuamente’ (Ezequiel 1:4, 15) (PARTRIDGE, 2003, p. 7- 8).

Apesar desses antecedentes, Partridge observa que alguns autores consideram que a primeira religião OVNI estruturada, foi a atividade religiosa “I AM” de Guy Ballard. Em seu livro *Unveiled Mysteries* (1934), Ballard afirmou ter encontrado o enigmático alquimista do século XIX (agora mestre ascenso de acordo com certas correntes teosóficas), o Conde de Saint-Germain, no Monte Shasta, na Califórnia, e ter sido, posteriormente, apresentado a doze venusianos que revelaram que Vênus era o lar de uma raça de seres tecnologicamente e espiri-

tualmente avançados. Partridge afirma que embora o esoterismo de Ballard não fosse, fundamentalmente ufológico, mas sim teosófico, a atividade religiosa “I AM” poderia ser vista como o óbvio precursor teosófico das religiões ufológicas. Mas, para ele o marco inicial do pensamento religiosos ufológicos, o ano de 1947. Visões como as de George Adamski, bem como a emergência de religiões especificamente focadas em UFOs, como a Sociedade Aetherius e tantas outras, são posteriores a essa data, embora sem dúvida tenham sofrido uma forte influência do pensamento esotérico ocidental que acabaria, aliás, formando a base de toda a cosmovisão novaerista (PARTRIDGE, 2003, p. 8).

Muitos dos que desenvolveram interpretações religiosas dos UFOs pertenceram anteriormente a movimentos esotéricos, principalmente aqueles ligados à escola Teosofica e, em especial, à corrente de Alice Bailey (1880-1949). Partridge aponta, como exemplo, a Rev. Violet Gilbert, antiga teosofista, que em 1956 afirmou que fizera uma excursão de três horas até Venus, numa nave espacial. Além disso afirmou que seus contatos com os “irmãos do espaço” começaram em 1939. O próprio George Adamski, já mencionado, fundou em 1936 a “Ordem do Tibet”, que tinha uma orientação teosófica. Anteriormente ele tivera relação com a “Ordem do Serviço Amoroso”, um grupo metafísico da Califórnia. Portanto, não é de se surpreender que seu livro “Os Discos Voadores Aterrisaram” onde relata seus contatos com alienígenas, esteja repleto de referências a temas de doutrinas teosóficas, e apresente uma bibliografia repleta de autores ocultistas e teosóficos conhecidos, como Blavatsky, Besant, Leadbeater, Bailey, Dion Fortune, Rudolf Steiner e Paramhansa Yogananda entre outros. E como vimos o próprio George King, fundador da *Aethrius Society* também participou de grupos ocultistas e teosóficos (PARTRIDGE, 2003, p. 9 -10).

Partridge lembra ainda, que Helena Blavatsky, cofundadora da Sociedade Teosófica, em sua obra “A Doutrina Secreta” afirma que seu conhecimento era baseado em antigos ensinamentos provenientes de mestres iluminados, alguns dos quais provenientes de Venus. A estes ela deu o nome de “Senhor da Chama” e de “Senhor do Mundo”, chefe da hierarquia da humanidade. Sob as ordens dessas entidade venusianas estariam os senhores dos sete raios (ou côres) que estariam em contato com os adeptos humanos, os Mestres Ascensos. Estes teriam uma visão direta dos mundos espirituais, psíquicos e físicos de nosso sistema solar e comunicariam seu conhecimento a intermediários especialmente escolhidos. Partridge observa que, embora haja algumas diferenças entre os Mestres (ou Mahatmas) da Teosofias, que residiriam no Tibet, e as narrativas sobre os extraterrestres, existem notáveis similaridades entre as supostas missões e atividades desses seres sendo as diferenças entre eles praticamente insignificantes. Ambos os tipos, sejam eles Mahatmas ou Alienígenas, são espiritualmente evoluídos, moralmente superiores, tecnologicamente avançados, benevolentes, desejosos de salvar a

humanidade. Demonstram uma forte preocupação com a destruição do nosso planeta e têm como objetivo a evolução espiritual. Partridge lembra ainda que a superioridade científica atribuída aos alienígenas está associada a uma espiritualidade superior e que tanto para Adamski, quanto para muitos dos autores ligados às religiões dos UFOs, qualquer utopia somente poderá ser obtida como fruto de uma evolução espiritual (PARTRIDGE, 2003, 11).

Uma prática muito mencionada tanto nas religiões UFOs, quanto na Teosofia e na literatura Nova Era é a da “canalização”, a transmissão consciente de energia e conhecimento de forma psíquica a partir de planos meta empíricos, através de indivíduos sensíveis. Blavatsky, por exemplo, afirma que parte de suas obras foram criadas a partir das “canalizações” do Mestre Koot Hoomi. Aliás esse tipo de fenômeno é relatado por místicos de diferentes eras e culturas. A esse propósito, não faz muita diferença se as entidades transmissoras estão no Tibet, em outro planeta, ou numa nave espacial.

Outro relato frequente tanto na Ufologia quanto no ocultismo em geral é o da comunicação telepática. No caso da Ufologia ela ocorreria principalmente quando dos chamados “encontros imediatos do terceiro grau”, correspondentes a relações presenciais entre alienígenas e humanos. Essa questão foi extensamente abordada também pelos autores ocultistas desde os estudos de Franz Anton Mesmer e do Marquês de Puységur no final do século XVIII sobre o chamado magnetismo animal e a hipnose.

A visão milenarista da Ufologia também tem forte ressonância com as doutrinas esotéricas escatológicas sempre presentes no esoterismo, mas que adquiriram mais força no século XVII. Estas doutrinas ressurgiram com força e foram amplamente divulgadas nos meios esotéricos após 1604, quando do surgimento de uma supernova na constelação do Serpentário e a contemporânea conjunção dos planetas Marte, Jupiter e Saturno na constelação do Cisne, que segundo alguns movimentos da época prenunciariam grandes mudanças. Aqui temos novamente uma associação antiga entre os fenômenos celestes e terrestres. (BAUMAN; HEERTUM, 2014, 28-31).

Essas considerações sobre o paralelismo entre a espiritualidade UFO e a Teosofia, e o ocultismo, favorecem a ideia de uma identidade entre a experiência com alienígenas e com outros seres divinos, como, por exemplo, os Mestres Ascensos, os anjos ou os devas, que fazem parte da mitologia de diferentes religiões desde tempos imemoriais.

O próprio pensamento dominante da Nova Era, segundo Hanegraaf teria sido impulsionada justamente pelos relatos concernentes à vinda dos UFOs como prenúncio do advindo da “Era de Aquarius”. Ela apresentava inicialmente uma cosmovisão calcada no Esoterismo Ocidental e postulava uma ideia nitidamente romântica do ser humano em sua relação com a natureza e uma ética de

liberdade e indiferenciação. Tinha, portanto, todas as características daquilo que ele chamou de um “movimento baseado numa religião preexistente, mas não expressa” (HANEGRRAFF, 1996, p. 522).

O meio acadêmico, a partir do final do século passado desenvolveu inúmeros estudos sobre o esoterismo, que ajudam a compreender melhor os fenômenos psíquicos e espirituais descritos pelas diferentes escolas bem como pelo movimento novaerista. Assim, dada a analogia possível entre os fenômenos decorrentes da interação com extraterrestres e com os anjos, conforme mencionado, será interessante resgatar esses estudos, principalmente aqueles referentes à angeologia e às visões dos místicos ocidentais, para tentar compreender as experiências espirituais relacionadas aos UFOs.

A literatura é vasta e complexa e exigiria um espaço bem maior do que aquele reservado para o presente artigo, assim, vamos nos ater apenas à teoria do *Mundus Imaginalis* de Henry Corbin, (1903-1978), professor do curso de Estudos Islâmicos da École Pratiques de Hautes Études de Paris, que pode muito bem ser adaptada à espiritualidade UFO. Note-se que aqui não se pretende discutir a realidade dos aspectos “fiscalistas” dos UFOs, mas sim as experiências espirituais decorrentes desses fenômenos.

O “MUNDUS IMAGINALIS”

A imaginação sempre exerceu um papel importante na cultura: imaginar é criar. É através da imaginação que se estabelecem correspondências, analogias, sintonias, símbolos e outros elementos importantes na práxis esotérica.

O imaginário é fundamental na Ciência do homem, porque ele é um indicador geral da hominização. [...] Ele é o único específico cogito. O cogito humano é um excogito. Também ele é o fio condutor no qual se pode vir a enfiar as pérolas heterogêneas dos esquemas explicativos especializados. Ele é o único a poder organizar sistematicamente os modelos explicativos contraditórios e divergentes (ARAÚJO; BAPTISTA, 2003, p. 13).

O Prof. Jean-Jacques Wunenburger, da Universidade Jean Moulin de Lyon, afirma que o imaginário representa sem dúvida uma matriz de desejos, de modelos, de sentidos e de valores que permitem que os humanos estruturam a sua experiência, desenvolvam as suas construções intelectuais e deem início a ações. Para ele o imaginário constitui uma espécie de plano intermédio que induz a estruturas psíquicas comuns (dos quais as religiões e as ideologias são exemplos vivos), convidando simultaneamente cada um a imaginar um universo próprio (WUNENBERGER, 2003, p. 17). Para ele o imaginário não é apenas

um termo que designa um conglomerado de imagens heteróclitas, mas remete para uma esfera psíquica onde as imagens adquirem forma e sentido devido à sua natureza simbólica.

Um dos mais conhecidos estudiosos do tema, Gilbert Durand, em seu livro: “O imaginário; ensaios acerca das ciências e da Filosofia da imagem”, define o imaginário como uma representação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o Homo Erectus ficou em pé na face da Terra.199 (DURAND, 2011, p. 117).

A julgar pelas experiências de místicos, profetas, visionários, magos e xamãs, entre outros que tiveram experiências meta empíricas, alguns estudiosos postulam que existe um plano, associado à capacidade imaginativa do ser humano, onde as imagens adquirem conotação de verdade e passam a constituir um mundo próprio. Henry Corbin, em seus estudos do mundo esotérico xiita e suas relações com o Esoterismo Ocidental, denominou esse de *Mundus Imaginalis*. Segundo ele:

Isso (a visão esotérica xiita) nos reporta a um esquema (um modelo) sobre o qual todos os nossos teósofos místicos concordam, um esquema que articula três universos, ou melhor, três categorias de universo. Há o nosso mundo físico, sensível, que inclui tanto o mundo terrestre (governado pela alma humana) quanto o sideral (governado pelas Almas das Esferas); este é o mundo dos sentidos, o mundo dos fenômenos (molk). Há o mundo suprassensível da Alma, ou Anjos-Almas, o Malakut [...]. Há o universo das inteligências Arcangélicas puras. A esses três universos correspondem três órgãos do conhecimento: os sentidos, a imaginação e o intelecto, uma tríade que corresponde à tríade da antropologia, corpo, alma e espírito – uma tríade que regula o triplo crescimento do ser humano, estendendo-se deste mundo até a ressurreição em outros mundos (CORBIN, 1999, p. 8).

Assim, de acordo com esse esquema, há um atributo da Alma que se situa num mundo intermediário entre o mundo empírico e o do entendimento abstrato, o mundo das imagens. Um mundo tão ontologicamente real quanto o mundo dos sentidos e o mundo do intelecto, um mundo que requer a faculdade da percepção que lhe pertence, uma faculdade que é uma função cognitiva, um valor noético, tão plenamente real quanto as faculdades de percepção sensorial ou a intuição intelectual. Para Corbin, baseado no Esoterismo islâmico, as imagens desse *Mundus Imaginalis* são tanto as imagens arquetípicas platônicas das coisas, quanto as formas de nossos pensamentos, comportamentos, pressentimentos e desejos. Sua realidade ontológica é fruto de experiências espirituais visionárias, e, conforme o místico persa Sohrawardi (1154-1191) podemos ter total confiança nelas da mesma forma que temos confiança nas observações dos as-

trônomos referentes ao mundo físico. Diz Corbin que a função cognitiva da imaginação está relacionada ao *Mundus Imaginalis* que é um mundo cujo nível ontológico está acima do mundo dos sentidos e abaixo do mundo inteligível puro. Ele é mais imaterial do que o primeiro e menos imaterial do que este último. Para os místicos, teósofos e visionários, dele dependem tanto a validade dos relatos daqueles que percebem e relatam “os eventos no Paraíso”, quanto a validade dos sonhos, rituais simbólicos, a realidade dos locais formada por uma meditação intensa e a realidade da visão imaginativa inspirada, cosmogonias e teogonias (CORBIN, 1999, p. 8-14).

A existência das visões, portanto, não depende de um substrato material que as perceba. A imaginação apenas as capta, como um espelho capta imagens que não dependem de sua substância: a substância de uma imagem não é substância do espelho. Assim, Corbin ressalta que a imaginação ativa é o espelho preeminente, o local epifânico das imagens do mundo arquetípico. Para ele a teoria do *Mundus Imaginalis* é ligada à teoria do conhecimento imaginativo e à função imaginativa. Este *Mundus* permite a todos os universos simbolizarem um com o outro (ou existirem numa relação simbólica um com o outro).

[...]. É a função cognitiva da imaginação que nos permite a formação de um rigoroso conhecimento analógico, escapando do dilema do atual racionalismo, que nos deixa somente a escolha entre dois termos do dualismo banal: ou matéria ou espírito (CORBIN, 1999, p. 12).

Segundo Corbin, a mais exata correspondência a essa formulação no Ocidente pode ser encontrada na obra de Emanuel Swedenborg (1688-1772). Ele explica que “toda a mudança de local no mundo espiritual é afetada por mudanças de estado nos interiores, o que significa que a mudança de lugares não é nada além de uma mudança de estado” (CORBIN, 1999, p. 13). Assim a realidade externa é fruto do estado interior e este por sua vez é afetado pela realidade externa. E a imaginação ativa permite a transmutação dos estados espirituais interiores em exteriores, em eventos visualizados externamente que simbolizam os estados interiores.

Conforme explica Tom Cheetham, para Corbin, a Imaginação Ativa vai muito além da fantasia., além de conhecer, pode criar. Ela é “ideoplástica”, pois cria formas que permanecem e que no esoterismo ocidental são muitas vezes chamadas de “Formas-Pensamento”. Para ele é de a maior importância para a alma individual entender o poder dessa faculdade e aprender a usá-la de acordo com as leis do intelecto e não da racionalidade, que é totalmente cega à autonomia da imaginação. Ele explica que a imaginação é ambígua em função de seu status intermediário e de sua dupla natureza. Ela tem tanto um aspecto “sensível passivo” quanto um aspecto “intelectual ativo”. O primeiro nós compartilhamos com os

animais. E quando a imaginação atua de acordo com o intelecto, se torna capaz de produzir o pensamento meditativo e eventos visionários que são verdadeiras percepções da realidade no mundo imaginal (CORBIN *apud* CHEETHAM, 2003, p. 73-74).

Essa função, no misticismo islâmico, é geralmente associada ao coração. Para Corbin, essa relação com o coração é mais bem sugerida pela palavra grega *enthymesis*, que significa o ato de meditar, conceber, imaginar, projetar, ardentemente desejando; em outras palavras, em tendo algo presente no *thymos*, que é força vital, alma, coração, intenção, pensamento, desejo [...]. É uma força tão poderosa que projeta e realiza (essencializa, cria a essência) um ser externo ao ser que concebe a intenção (CORBIN *apud* CHEETHAM, 2003, p. 74).

Para que a imaginação ativa tenha sentido, segundo Corbin, é necessário que se baseie em alguma cosmologia, para lhe fornecer parâmetros, como no caso das religiões. No Esoterismo Ocidental essa cosmovisão pode decorrer das diferentes correntes formadoras dessa escola de pensamento, como o Neoplatonismo, o Hermetismo e/ou a Cabala Hermética, por exemplo.

AS CANALIZAÇÕES

A partir dessas premissas poderíamos lançar a hipótese de que a espiritualidade relacionada aos UFO, baseada em “contatos imediatos” seria decorrente da percepção do *Mundus Imaginalis* decodificado e narrado em função de uma particular cosmovisão, decorrente dos diferentes mitos ou religiões associadas a esse fenômeno. Essa cosmovisão seria reforçada pela espiritualidade presente no *ethos* da Nova Era que reforça a ideia da subjetividade da experiência religiosa e também pela importância atribuídas às canalizações em todos esses movimentos.

De fato, essas canalizações têm ocorrido em diferentes eras e culturas e apontam de alguma forma para a realidade do *Mundus Imaginalis* como centro de experiências anômalas, onde seres exteriores se apresentaram à visão interior de um indivíduo, ou essa visão interior criou seres exteriores que transmitiram esse conhecimento que, de certa forma gerou resultados palpáveis e, não foi necessariamente induzido pelo desejo mundano de quem viveu a experiência. Independentemente da explicação que se queira dar à origem ontológica dessas fontes, o conhecimento divulgado tem sido às vezes impactante. Alguns exemplos:

AS CARTAS DOS MAHATMAS

Um exemplo ilustrativo, nos é trazido pela Teosofia. Como vimos a própria Helena Blavatsky admite que sua Doutrina Secreta foi obra do mestre Koot Hoomi

canalizada por ela. Mas, de particular interesse foi o episódio das “cartas dos Mahatmas” endereçadas ao seu colaborador A. P. Sinnett. Foram cartas escritas ao longo de cerca cinco anos que se “materializavam” nos mais improváveis locais. Embora a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres tivesse posteriormente afirmado que essas materializações eram fraudulentas, o fato é que as cartas existem e hoje estão expostas na British Library. Seu conteúdo é inédito de grande importância para a elaboração da doutrina teosófica, seu estilo e a própria caligrafia varia conforme o emitente (os Mahatmas Koot Hoomi e Morya) (BAKER, 2021). Alguns sugerem que poderiam ser canalizações de Blavatsky ou do próprio Sinnett, ou mesmo criações da própria Blavatsky. Mas, mesmo que esta tenha escrito ou ditado essas cartas, elas parecem ser bastante diferentes de seus demais textos e assim resta a dúvida de onde viria esse conhecimento. Teria ela ido buscá-lo no *Mundus Imaginalis*?

O CURSO DE MILAGRES

Esta obra, iniciada em 1965, terminada em 1972 e publicada inicialmente em 1976, por seu conteúdo, teve um profundo impacto no pensamento Novaerista. Mas, sua história talvez seja mais surpreendente e instrutiva do que o próprio texto do livro. Segundo o livro, *An Introduction to A Course in Miracles*, Helen Schucman, uma psicóloga declaradamente atea, então com 56 anos e Bill Thetford, um psiquiatra, totalmente agnóstico de 42 anos, eram colegas no departamento de psicologia do Hospital Presbiteriano da Escola da Medicina da Universidade de Columbia, EUA, e se encontravam em perpétuo conflito. Um belo dia, após uma áspera discussão durante uma reunião do departamento, resolveram tentar criar um ambiente de concórdia para viabilizarem seu trabalho. A partir desse dia Helen começou a ter visões assustadoras à noite, imagens mentais que ocorriam tanto em estado de sono como de vigília. Depois de um tempo, Helen passou a ter também experiências psíquicas que a deixavam totalmente confusa, até que uma voz interna se manifestou a lhe dizer que tinha um trabalho a realizar. Como psicóloga ela começou a temer por sua sanidade mental e uma noite, tomada por pânico, resolveu pedir ajuda profissional a Bill, que era também um renomado psiquiatra. Bill se interessou pelo caso e, como bom cientista, sugeriu que ela anotasse todas essas impressões e experiências para que depois pudessem analisá-las em conjunto. Então a voz interior de Helen se tornou mais forte e mais clara e, segundo ela, lhe falou:

Este é um curso de milagres. É um curso obrigatório. Somente o tempo de duração é voluntário. O livre arbítrio não significa que você possa estabelecer o currículo. Significa que você pode somente escolher o que você quer estudar num dado momento...

E depois de uma explicação sobre sentido do amor a mensagem terminou com os seguintes dizeres:

Este curso pode ser sintetizado, portanto, de um modo muito simples:

Nada do que é real pode ser ameaçado.

Nada existe que não seja real.

Eis a paz de Deus (SCHUCMAN; THETFORD, 1996).

A partir daí começou um ditado quase diário feito por essa voz interior, que Helen pacientemente transcrevia. O processo durou sete anos e deu origem a um livro de mais de 1300 páginas dividido em três partes: O livro do aluno, o livro de práticas e o manual do Professor.

O interessante é que no começo a própria Helen achava tudo aquilo uma loucura e se recusava a trabalhar. Mas ao mesmo tempo, surgia uma outra Helen que assumia o controle executando suas tarefas com extremo cuidado e dedicação. Durante esse ditado, ela se manteve consciente e diariamente se consultava com Bill para corrigir e aprimorar sua escrita, além de discutir o fenômeno em si. Manter o equilíbrio emocional de Helen nesse processo foi a tarefa primordial de Bill. Ela estava convencida de que a voz interior era do próprio Jesus, pelo qual ela, como atea, tinha sentimentos ambivalentes. No fim Helen e Bill ficaram tão envolvidos no processo que, junto com um grupo de amigos admiradores da obra, fundaram a *Foundation for Inner Peace*, entidade sem fins lucrativos para divulgar a obra, existente até os dias de hoje.

A lista de exemplos poderia ser muito mais longa, incluindo as experiências dos místicos das grandes religiões mundiais, as profecias dos profetas e das sibilas, os ensinamentos de Hermes Trismegisto a Asclépio, reveladas no “Corpus Hermeticum”, e tantos outros fenômenos cujos resultados foram registrados pela história. Os exemplos acima mencionados revelam, que conforme os relatos dos próprios participantes, os fatos se desenvolveram às vezes contra a sua própria vontade. Outra característica importante dessa classe de fenômenos é que a memória do ocorrido se mantém viva o tempo todo e a experiência tem uma sensação de realidade idêntico à da realidade objetiva apresentada pelos sentidos. Assim como ocorre em muitos relatos de abduções por UFOs.

CONCLUSÃO

O paralelismo dos fenômenos UFOs com os relatos dos místicos e videntes de todos os tempos e as canalizações relatadas, estão a indicar que podemos imaginar que estamos lidando com a mesma classe de fenômenos. Estes podem ser explicados dentro da teoria do *Mundus Imaginalis* de Corbin, um mundo situado num nível

de realidade meta empírico, cuja fenomenologia pode repercutir no nível objetivo, sensorial e intelectual, produzindo reações que podem interferir na história. Esses fenômenos, muitas vezes, geram cosmovisões e crenças que permitem suas interpretações consoantes com a lógica vigente, que, por sua vez, realimentam a imaginação dos demais induzindo novos fenômenos análogos. Assim, por exemplo, depois que ocorreram os primeiros relatos sobre contatos com UFOs, começaram a aparecer diversos outros. Quanto mais se fala sobre eles mais pessoas afirmam ter tido a experiência. O mesmo ocorreu com a Teosofia, depois que Blavatsky falou da existência dos Mahatmas, diversos outros relataram contatos com eles (Alice Bailey e King, entre outros). É como se os pensamentos sobre determinadas pessoas e situações criassem energias próprias no *Mundus Imaginalis*, que podem ser captadas por outras pessoas com uma forte imaginação ativa.

E assim, nesse mundo imaginal, podem coexistir experiências de indivíduos ateus que passam sete anos canalizando Jesus para escrever um curso de milagres e outros que são abduzidos por extraterrestres, junto com milhares que se relacionam com anjos, uris, devas e toda a classe de entidades metaempíricas. E independentemente de suas experiências terem origem externa ou interna, eles lhe atribuem absoluta realidade.

UFO SPIRITUALITY AND HENRY CORBIN'S MUNDUS IMAGINALIS

Abstract: The idea that the present UFO (Unidentified Flying Objects) based spirituality is just a new way of expressing interactions between human and divine beings, which occurred throughout history in different environments and cultures, is not new. Currently, several researchers are studying UFO based spirituality and highlight many similarities between the experiences of those who report encounters with aliens and the visions and experiences of mystics, prophets and seers of all times and cultures. The present article, based on bibliographic research, aims to draw attention to the possibility of integrating the studies on these UFO experiences in the study of what Henry Corbin refers to as the Mundus Imaginalis, the field of manifestation of all mystic's experiences.

Keywords: *UFO. Spirituality. Mundus Imaginalis.*

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto F.; BAPTISTA Fernando P. (org). *Variações sobre o imaginário, Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- BAKER A. T. (Org). *the Mahatma Letters to A. P. Sinnett from the Mahatmas M & K.H, transcribed, compiled and with an Introduction*. Pasadena California EUA: The Theosophical University Press, 2021.

- BAUMAN José; HEERTUM, Cis van. *Divine Wisdom, Divine Nature*, Amsterdam: In de Pelikan, 2014.
- CHEETHAM, Tom. *The World Turned Inside Out, Henry Corbin and Islamic Mysticism*. Connecticut EUA: Spring Journal, 2003.
- CHRYSSIDES, George D. Scientific creationism: a study of the Raëlian Church, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte II, cap. 2, pp. 45 – 61).
- CORBIN, Henry. *Swedenborg and Esoteric Islam*. West Chester Pennsylvania, EUA: Swedenborg Foundation, 1999.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário; ensaios acerca das ciências e da Filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2011.
- GUERREIRO, Silas; MENDIA, Fabio; COSTA, Matheus Oliva da; BEIN Carlos; PROSPERI, Ana Luisa. Os componentes constitutivos da Nova Era: A formação de um novo ethos, in *Rever* 16, abril/maio 2016l. São Paulo: PUC SP, 2016.
- HANEGRAAF, Wouter J. *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Nova York: State University, 1996.
- PARTRIDGE, Christopher. Understanding UFO religions and abduction spiritualities, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte I, cap.1, pp. 3-44).
- PERRY, Robert. *An Introduction to a Course in Miracles*. Glen Elen California EUA: Miracle Distribution Center, 1987.
- ROTHSTEIN, Mikael. UFO beliefs as syncretistic components, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte III, cap. 13, pp. 256 – 273).
- SHUCMAN, Helen e THETFORD, Bill. *A Course in Miracles*. Mill Valley California EUA: Foundation for Inner Peace, 1996.
- SMITH, Simon G. Opening a channel to the stars: the origins and development of the Aetherius Society, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte II, cap. 4, pp. 84 – 102).
- TUMMINIA, Diana. When the archangel died: from revelation to routinisation of charisma in Unarius, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte II, cap. 3, pp. 62 - 83).
- WOJCIK, Daniel. Apocalyptic and millenarian aspects of American WOJCI UFOism, in Christopher Partridge (Ed.) *UFO Religions*. Londres e Nova York: Routledge, 2003, (Parte III, cap. 14, pp. 274 – 300)